

## **Etnocentrismo da escrita africana Mandombe**

### ***Ethnocentrism of Mandombe african writing***

**Africano Florindo Francisco Samo** <sup>1\*</sup>

<sup>1</sup> MSc. Professor do Ensino Secundário. Universidade Lueji A'Nkonde. [africa3fsamo@gmail.com](mailto:africa3fsamo@gmail.com)

\* Autor para correspondência: [africa3fsamo@gmail.com](mailto:africa3fsamo@gmail.com)

### **RESUMO**

A pesquisa, com o enfoque à transmissão da cientificidade Africana ao mundo. Um continente virgem que mergulhou durante séculos de colonização, pouco se explora a seu respeito, com realce para o conhecimento, continente que vive das importações. Ela, é de carácter qualitativo e objetiva para conduzir elementos do Etnocentrismo da Escrita Africana Mandombe, resgatar identidades africanas por meio de uma escrita própria e recolher importantes subsídios do processo de construção, organização e sua implementação, enquanto parte do conhecimento científico. Um alfabeto organizado em blocos silábicos, criado por: Wabeladio Payi, inspirado pelo seu superior Simon Kimbangu. Recurso útil resultante de “Ma-Plural” e “Ndombe-Negros” para o desenvolvimento da cientificidade africana e a conservação da originalidade cultural.

**Palabras clave:** Escrita Mandombe, Africanidade, Etnocentrismo.

### **ABSTRACT**

*Research, focusing on the transmission of African scientificity to the world. A virgin continent that plunged during centuries of colonization, little is explored about it, with an emphasis on knowledge, a continent that lives off imports. It is of a qualitative and objective nature to conduct elements of the Ethnocentrism of the African Writing Mandombe, to rescue African identities through its own writing and to collect important subsidies of the process of construction, organization and its implementation, as part of the scientific knowledge. An alphabet organized in syllabic blocks, created by: Wabeladio Payi, inspired by his superior Simon Kimbangu. Useful resource resulting from “Ma – plural” and “Ndombe – Negros” for the development of African scientificity and the conservation of cultural originality.*

**Keywords:** Mandombe writing, Africanity, Ethnocentrism.

## INTRODUÇÃO

África, é um continente com grandes recursos, pelo que, vários outros continentes, têm o continente como a presa fácil para explorar e saquear as suas propriedades e sem sequer se importarem com os danos que pode causar para gerações vindouras. O africano é visto noutros fóruns como uma espécie de outra alma; por esta razão os cientistas do continente berço gizam as técnicas possíveis para que a realidade seja invertida.

Continente que quase tudo importa, principalmente no campo alimentar, vestuário, no campo tecnológico e noutros. O explorador, entra e leva matérias primas, que depois da sua transformação, tornam a ser comercializadas para o continente de origem e de forma mais cara; os resultados de exploração são visíveis em todos domínios. Eles levam a matéria-prima e dificilmente as aplicam para o desenvolvimento do continente, para o enriquecimento de seus e deixando sérios efeitos negativos de exploração no ambiente.

Daí que, com base nestes e vários outros motivos, David Wabeladio Payi-1978, desenvolveu uma escrita, a partir da qual se pode começar com uma revolução sistemática, dela, estabeleceu regras vivenciadas internamente, escrita esta que a denominou de **Mandombe**.

## DESENVOLVIMENTO

### ETIMOLOGIA DO TERMO MANDOMBE

Mandombe ou Mandombé é uma escrita proposta em 1978 na cidade de Mbanza-Ngungu, província de BasCongo na República Democrática do Congo por David Wabeladio Payi, que relatou ter tido uma revelação num sonho, para ele por Simon Kimbangu, o profeta do Kimbanguismo. A escrita baseia-se em dois elementos, que são fontes privilegiadas de informações, constituindo os primeiros actos. De acordo com Pasch (2010).

**Mandombe** é um termo puramente africano, deriva de dois termos: **Ma**-plural de uma coisa e **Ndombe**-preto (negro, do continente africano).

Sistemas para Escrita artificial-Mandombe, porém, o Etnocentrismo da Escrita Africana Mandombe, tem um impacto relevante para a elevação exponencial da cultura africana e seu reconhecimento mundial como um continente com identidade própria e pronta para enfrentar os desafios do futuro.

O conceito baseado na escritura Mandombe, é uma obra de extrema importância no mundo e de África em particular, por ser um conhecimento sistematizado para o desenvolvimento de uma metodologia científica, Payi (2007).

Em Mandombe, o Professor “**NKUA MAZAYI**” e Aluno “**NKUA NDENGA**”, familiarizam-se em “**N’SANDU**” o local onde se ensina e onde estarão sujeitos a uma contribuição voluntária “**KINZU**” que cada estudante ou investigador dá para sustentar o projeto. Onde “**NKUA**” significa detentor e “**MAZAYI**” conhecimento e “**NDENGA**” é a sabedoria.

Antes de toda actividade lectiva o “**NKUA MAZAYI**”, cumprimenta de acordo com a saudação inicial “**MASSONA MANDOMBE MAMBOTE**”, significando, **a escrita mandombe é uma obra** e os estudantes respondem “**MATONDO KUA N’ZAMBE**” que significa graças a Deus, começando em espaços denominados **KIMBANGULA**.

Os conhecimentos são vivenciados por meio do método pedagógico de Mandombe “**NTONA**”, onde de acordo com os **NKUA MAZAYI**, estabeleceram de acordo com um círculo e dividido em quatro (4) partes iguais, correspondendo a quatro (4) quadrantes, onde cada “**NTONA**” tem uma única função específica e a sua funcionalidade obedece ao sentido horário; cada quadrante, corresponde a um “**NTONA**”, conforme a denominação:

**I Quadrante**, corresponde ao “**NTONA NKENGUE**” – Categoria analítica;

**II Quadrante**, corresponde ao “**NTONA NKANDU**” – Categoria Nkua Ndenga;

**III Quadrante**, corresponde ao “**NTONA NSONA**” – Categoria prática;

**IV Quadrante**, corresponde ao “**NTONA KONZO**” – Categoria dinâmica, entendida como acção mais próxima da prática e acção fora da aula.

São quatro (4) métodos pedagógicos existentes e enquadrados cada um deles no respectivo quadrante, conforme sua denominação.

Segundo Payi (1996), formas e a intenção foi prover uma escrita para quatro línguas Africanas do Congo, Quikongo, Lingala, Tshiluba e Suaíli na República do Congo, Angola e República Democrática do Congo. É também promovida pelo Kimbanguista Centre de l'Écriture Négro-Africaine (CENA). A Academia de CENA está hoje trabalhando na transcrição de outras línguas africanas para Mandombe, é considerada a terceira escrita nativa da África mais usada depois do silabário vai e do Alfabeto N'ko. Foi feita uma proposta preliminar para incluir essa escrita na codificação ISO 10646/Unicode. Foi escrita em fevereiro de 2016 por Andrij Rovenchak, Helma Pasch, Charles Rile e Nandefo Robert Wazi.

Refere-se a uma linguagem ancestral por ser um idioma popular relativamente aos existentes, é ainda mais que um idioma, é sim uma ciência muito ampla.

Mandombe corresponde a uma escrita que represente a identidade de povo africano, no princípio a ideia, era englobar 4 (quatro) línguas da RDC, República do Congo e Angola, num só idioma africano, com a finalidade de fortalecer os laços entre povos afectos, entretanto, foram baseadas na seguintes línguas:

- ❖ Quikongo;
- ❖ Lingala;
- ❖ Tshiluba;
- ❖ Swahili.

Comungando por uma só língua e unindo distintos povos do mesmo, com diversos idiomas à sua volta.

#### **ETNOCENRISMO DA ESCRITA MANDOMBE**

Segundo dicionário (wiktionary-one line) português, etnocentrismo, corresponde às tendências a considerar apenas ou priorizar valores da própria cultura ao analisar outras.

Mandombe é uma escrita puramente africana, conservando a raiz cultural própria, tem consoantes e vogais baseadas na combinação de dois elementos fundamentais, que resultam da combinação em blocos silábicos. Todas as letras são baseadas em quadrados em forma S ou 5 e outro com a forma de número 2.

A escrita, resulta da união entre dois blocos, ou seja, na construção de residências há sempre uma compilação de blocos para edificar uma parede, na referida união há um feixe que eles deixam para a introdução do elemento compactante (cimento ou areia) para que a parede não caia, conforme ilustra a figura 1.

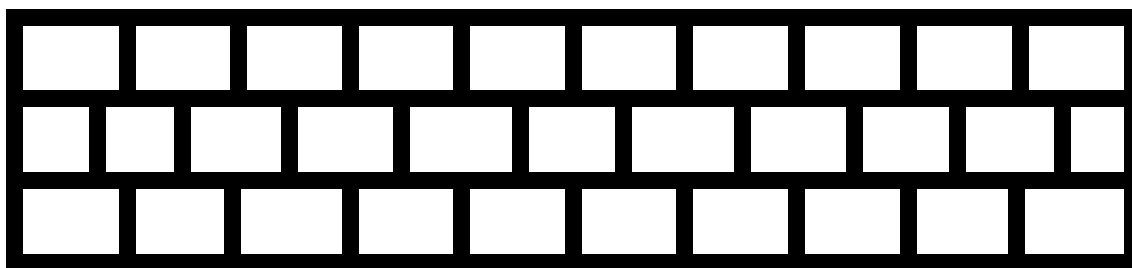


Figura 1. Junção de blocos- formação de paredes.

Nesta parede (figura 1), onde se configuram linhas entrelaçadas e que formam o formato de um bloco, sua constituição, forma ou da imagem diante da parede construída, nela, se podem desenhar linhas seguindo das formas dos tijolos (figura 2), na qual, se vê uma forma de S ou 5 e 2 em forma quadrada, é desta forma que a escrita Mandombe começa, os mesmos não têm nada a ver com conceitos ocidentais de 5 ou 2.

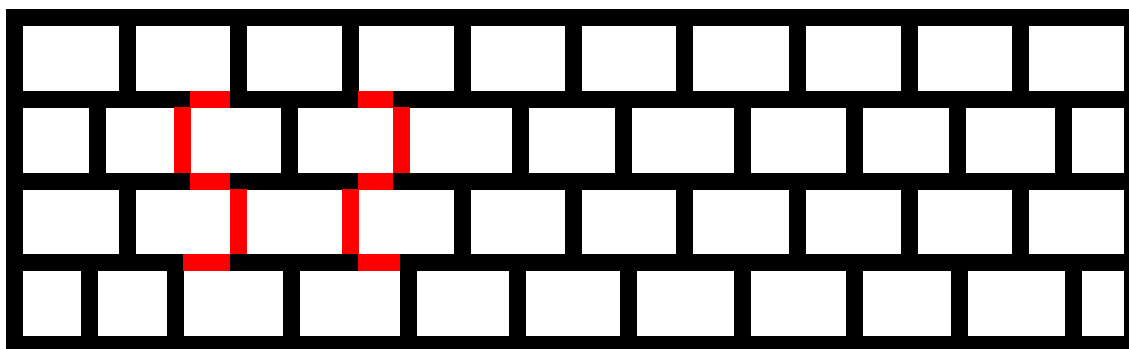


Figura 2. Elementos de formação da escrita Mandombe.

Cada um dos referidos elementos em vermelho têm o seu nome específico, conforme se ilustra na figura 3 e obedecendo à sua posição.



Figura 3. Elemento da escrita Mandombe – Mvuala Mpamba.

O primeiro elemento da escrita Mandombe, de acordo o Wabeladio, preferiu denominá-lo de **Pakundungo**. Realçar que o **Pakundungo** se assemelha à letra S ou ao algarismo 5, mas o seu conceito não tem a ver com tais elementos (S ou 5).



Figura 4. Elemento da escrita Mandombe – Mvuala Mpamba.

O segundo elemento da escrita Mandombe, denomina-se **Pelekete**, isto segundo a denominação proferida pelo seu fundador - Webaladio Payi.

Att: A ordem da constituição, não obedece a influências nenhuma, ou seja, tanto o **Pakundungo** ou **Pelekete**, pode ocupar qualquer posição no que se refere à ordem ou posição numérica, mas as suas posições geométricas e os respectivos nomes mantêm-se. Outrossim, na parede o **Pakundungo** é sempre **Pakundungo** e **Pelekete** também não altera a sua denominação, independentemente da posição do observador.

Payi Nicoleo e Pasch (2015). Esses dois sinais são chamados **MVUALA MPAMBA** (elementos simples), o que podemos afirmar que este é, portanto, o fundamento da escrita **Mandombe**, que correspondem aos pontos de partida para se começar a escrever algo.

A partir deles, pode-se adicionar um elemento **falso chamado** (ou artificial), o **Yikamu**, uma sexta barra adicionada ao **Mvuala Mpamba** e fornecerá:



Figura 5. Escrita do Mvuala adicionada o **Yikamu**.

O elemento adicional, azul é Yikamu, o que também vale para o MVUALA PAKUNDUNGO.

Na qual, o MVUALA PAKUNDUNGU com o YIKAMU é chamado: MVUALA PILUKA. Já o Pelekete com Yicamu e outro elemento (conforme figura 6):



Figura 6. Posição de escrita do Mvuala **Piluka** – adicionado **Yikamu** e **Singuini**.

A bola preta (singuini) é o ponto de partida para escrever este sinal. É em torno dessa bola que Yikamu pode girar, o mesmo pode ocorrer com o Mvuala Pakundungo.

Payi (2011), sendo uma escrita tridimensional. Ou seja, dependendo da rotação, o YIKAMU tenderá a sair várias rotações. Mandombe é uma escrita silábica, o que significa que não escreveremos de acordo com um sistema alfabético. Portanto, não podemos aprender a, b, c, d, ..., mas sim ba, be, ka, ne, ve, ..., essas sílabas terão seu próprio sinal, que apenas precisará saber.

Essas sílabas são obtidas através da união de duas Mvuala, em particular: uma MVUALA MPAMBA + MVUALA PILUKA que fornecerá:

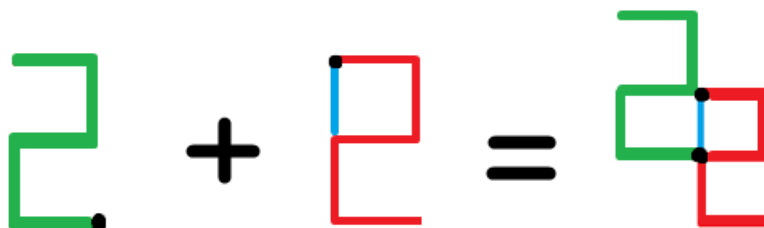


Figura 7. Mvuala Za Mpimpita.

A união entre as mvualas apresentados é chamada: MVUALA ZA MPIMPITA, que significa uma mvuala complexo, já que a escrita, a arte, a ciência, sairá lançado a partir desta mvuala.

Notam-se dois pontos de partida; é nesses pontos que haverá rotações, por exemplo, fazer com que a Mvuala Mpamba, seja organizada de acordo os horários. Exemplo: Temos quatro batidas, das quais cada contém quatro posições de Mvuala za Mpimpita. Cada uma, corresponde a determinado grau de rotação.

A primeira posição, corresponde a 0° grau, o que implica que não há rotação de Mvuala.

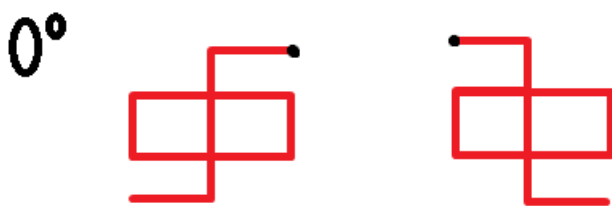


Figura 8. Primeiro tempo de partida do Mvuala za Mpimpita.

Correspondente ao primeiro tempo de partida ou seja, 0° grau.

Cada rotação do Mvuala, resulta em novas posições que vão formando ângulos, orientando-se com a rotação segundo o Yikamu, formando ângulos de 0° grau, o segundo de 45°, o terceiro de 90° e o quarto (ou último) de 135° realizando assim os quatro (4) movimentos do Mvuala. Em alguns casos, o Mvuala, pode chegar a efectuar uma rotação até ao ângulo de 180°.

Com base na rotação do Yikamu, o Mvuala Mpamba pode girar em torno do Mvuala Piluka. De nossa perspectiva, vemos que o Mvuala Mpamba pode subir e descer em comparação com outro Mvualal, porque o vemos em duas dimensões.

Logicamente, podemos ver mais, adicionando uma quinta vez de 180° para o Yikamu a 0°, mas esses sinais não terão significado, então limitamo-nos a 135°.

Segundo Lunguani (idem), o David Abeladio Payi, pega em dois conceitos atribuídos a dois (2) elementos, resultantes de uma parede edificada, e atribui-lhes nomes de **Pakundungo** e **Pelekete**, nome derivado de sons de batuques: o Som mais alto e o baixo, ou seja, o Pakundungo, corresponde ao som mais alto, agudo ou base e o Pelekete ao som menos ou baixo, na visão ocidental os elementos se confundem com 5 ou S e o 2.

Os elementos assim representados, com base as noções gerais do **Mvuala**, que representa o nome em conjunto, entretanto, Mvuala representa uma vara que muitos reis usavam como suporte, na época, determinava a posição à seguir em caminhadas.

Em escrita Mandombe, **Mvuala** corresponde ao conjunto atribuídos a todos os elementos, na qual existem três (3) diferentes tipos de Mvuala:







- ❖ Mvual a MPamba: que corresponde ao elemento simples da escrita Mandombe e obedecendo aos seus critérios de formação;
- ❖ Mvuala Piluka: corresponde ao elemento composto da escrita Mandombe, obedecendo à sua estrutura;
- ❖ Mvuala Mpimpita: que corresponde ao elementos complexos, respeitando a nomenclatura da sua constituição.

Segundo Payi (2011), os diferentes tipos de elementos no quadro de funcionamento, são rígidos de quatro (4) elementos:

- ❖ Família;
- ❖ Singuini: ponto de partida;
- ❖ Posição;
- ❖ Nome.

São os quatro (4) aspectos que entram em rigor no quadro do funcionamento dos Mvualas, conforme se representa no (Quadro – 1).

Quadro – 1: Estruturação do Sistema de pensamento de acordo o funcionamento dos Mvualas

Família	Família Pakundongo		Família Pelekete	
Representação				
Posição	Kenge	Nkandu	Nsona	Konzo
Mvualas				
Nomes	Paku	Ndungo	Pele	Kete

O Mvuala, identifica-se no quadro acima (Quadro 1), na qual, cada Mvuala tem sua posição, onde o Pakundongo é o chefe de família Pakundongo, ao passo que Pelekete, é também o chefe de sua família (Pelekete).

Todos os Mvuala, obedecem a certas posições para a sua escrita, ou seja, o Mvuala só se escreve de uma única maneira (seguindo uma única linha de princípio e largando a caneta ao término da escrita), respeitando o princípio que os sábios chamam de **Lubamba**, significando o princípio de ligação e para a sua escrita, a ordem sistemática é fundamental.

As características aplicáveis a cada Mvuala são quatro (4), a destacar:

1. **CARACTERÍSTICA – LADO** corresponde à unidade de medida do Mvuala no caso de Mvuala Mpamba, tem cinco (5) **lados**:

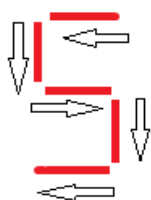


Figura 9. Lados de um Mvuala Mpamba – **Pakundungo**.

A contagem, obedece à posição de cima para baixo e seguindo a direcção da direita para a esquerda, conforme ilustra a seta em cinco (5) voltas.

Os lados que compõe um Mvuala, são fundamentais porque é o lado do Mvuala que orienta como escrever em Mandombe ou construir um muro de bloco.

Na família Pelekete, segue a orientação, conforme ilustra a figura 10:

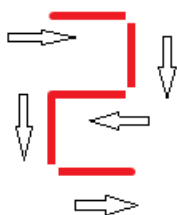


Figura 10. Lados de um Mvuala Mpamba – **Pelekete**.

Na família Pelekete, a contagem começa de esquerda para direita, seguindo a posição de cima para baixo e a direcção da esquerda para a direita, respeitando a constituição dos lados que cada Mvuala Mpamba suporta.

2. **CARACTERÍSTICA – EXTREMIDADE** onde nos Mvuala Mpamba, existem duas extremidades: esquerda e direita, isto de acordo a posição do observador, tanto na família Pakundungo ou Pelekete.
3. **CARACTERÍSTICAS – PARTES** cada Mvuala Mpamba tem partes, no caso da família Pakundungo e Pelekete, registam-se duas partes: a superior e a inferior (figura 11).

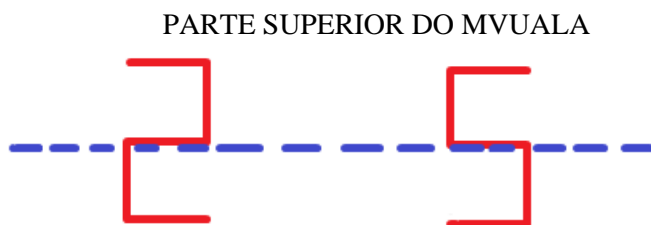


Figura 11. Partes de um Mvuala Mpamba.



#### PARTE INFERIOR DO MVUALA

4. **CARACTERÍSTICA – MEDIDAS** constata-se este campo como o pico, por se tratar de um campo meramente matemático, envolvendo leis geométricas e outras, na qual existem em cada Mvuala três 3 medidas: quadrada, retangular e a mista.

Para o estudo Mandombes, há muito para se explorar, por ela ser útil para a construção, na mecânica e em noutras eferas. Para sequenciar o estudo da escrita, entretanto, os **NKUA MAZAYI**, cumprem as suas missões em locais denominados de Kimbangula.

David w. Payi compilou uma escrita, com a finalidade de libertar o povo africano, da escritura moderna imposta pelos ocidentais. Designadamente: escravatura científica, espiritual e no seu todo, a África, sendo um continente rico e que pouco produz, a revolução, deve estar conectada a um código e o Mandombe é uma opção.

#### CONCLUSÕES

Mandombe, o plural de negros africanos, ou seja, Ma = Plural de algo e Ndombe = Negros. Pode ser entendido “Mandombe = Os negros” é uma escrita africana proposta em 1978 na cidade de Mbanza-Ngungu, RDC por Davide Wabeladio Payi, segundo relatos, o autor, teve uma revelação num sonho por Simon Kimbangu, o profeta do Kimbanguismo. A escrita de baseia em representações de elementos  e , resultantes da estrutura observacional por Payi, à partir de um muro de blocos, na qual, os nomeou de Pakundungo e Pelekete e o conjunto forma os Mvuala Mpamba, um significando ao som mais alto do toque de batuque e outro o som mais baixo do batuque. A dificuldade residiu em traduzir, o material de apoio de Francês para português, porque se tem pouco material da temática em Português, com ajuda das TIC's, foi possível sua execução. Dos referidos



elementos, se pode **associar outro elemento “Yicamu e Singuini” e sua combinação pode resultar em uma escrita alfanumérica, sua aplicabilidade pode ser notável em qualquer esfera social.** Sua importância, resulta por ela ser uma obra puramente africana, com grande impacto no mundo da ciência e da África em particular, por se tratar de um conhecimento sistematizado para o desenvolvimento da metodologia científica. O artigo, foi traduzido em mais uma língua: Inglês, cumprindo assim as normas da revista Kulongesa – TES, figuras foram construídas com ajuda às ferramentas informáticas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Dicionário Português 3.2.2. **O significado das palavras.** <http://wiktionary.org>. Março de 2020;
- Google tradutor. **Francês e Inglês para o Português.** Acesso – one lino, Março de 2020;
- Helma Pasch, « Mandombe » (2010), Afrikanistik online. , <http://www.afrikanistik-online.de/archiv/2010/2724/>;
- Lunguani, B. L. G. (idem), Teólogo. **Curso de Mandombe. One Line.** Acessado Março de 2020;
- Payi D. W. (2011). Cours de l'écriture négro-africaine Mandombe, Université Simon Kimbangu. (Le syllabaire provient de ce manuel).
- Payi, D. W. (1996). **Mandombe Ecriture negro-africaine: Manuel d'apprentissage à l'usage des apprenants.** Editions du C.E.N.A., Kinshasa. RDC;
- Payi, D. W. (1996). Mandombe. Écriture Négro-Africaine (1996), Centre de l'Écriture Négro-Africaine.
- Payi, D. W. (2007). Histoire de la révélation de l'écriture Mandombe, Centre de l'Écriture Négro-Africaine.
- Payi, N. N. e Pasch, H. (2015). Obituaries on David Wabeladio Payi. Afrikanistik online.

## Síntese curricular dos autores

Africano Florindo Francisco Samo, Professor do Ensino Secundário, leccionando as disciplinas de Matemática e Física, pesquisador em educação matemática, Autor, Licenciado em ensino de Matemática pela Universidade Lueji A'Nkonde, Mestre em Ciências de Educação, com a linha de pesquisa Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Lueji A'Nkonde em convénio com a Universidade de São Paulo e membro do GIEPEM - Grupo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa em Etnomatemática UNILAB/Males/Bahia /Brasil.